



## **Eles e Nós: um estudo sobre a visão do jornal Lampião da Esquina sobre a grande imprensa brasileira<sup>1</sup>**

Diógenes de Souza SANTOS<sup>2</sup>

Victor Hugo de Souza OLIVEIRA<sup>3</sup>

Fernando Luiz Alves BARROSO<sup>4</sup>

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

### **Resumo**

O presente trabalho é parte de um estudo maior, realizado através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), cujo tema principal é mídia gay. Este artigo em específico visa apresentar o debate presente no jornal Lampião da Esquina sobre a grande imprensa e a abordagem dela sobre os assuntos que remetiam à homossexualidade. Para tanto, analisamos a primeira (número zero) e última (número trinta e sete) edições daquele periódico, revisamos outros estudos feitos sobre do mesmo objeto, além de desenvolver uma abordagem a partir da perspectiva da teoria da cultura da mídia.

**Palavras-chave:** Imprensa Gay; Grande Imprensa; Lampião da Esquina; Homossexualidade.

### **Introdução**

A questão básica deste artigo é levantar e analisar o debate presente no jornal Lampião da Esquina sobre a grande imprensa, destacar o tratamento dispensado por ela aos assuntos que remetiam à homossexualidade e verificar como isso contribuiu para a construção de uma identidade homossexual brasileira.

O jornal Lampião da Esquina foi a primeira publicação homossexual do nosso país com produção profissional e circulação em todo o território nacional, durante abril de 1978 e junho de 1981, em 37 edições. Vendido em bancas, eram temas clássicos do Lampião a mídia e como ela pautava a homossexualidade; a imprensa homossexual brasileira e internacional, além de assuntos que tratavam do próprio Lampião. É necessária, para tanto, uma apresentação adequada do nosso objeto de estudo para que se compreenda sua importância e, em outra perspectiva, o ineditismo deste trabalho.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação, bolsista de iniciação científica do Departamento de Artes e Comunicação da UFS, e-mail: diogenesaju@gmail.com.

<sup>3</sup> Estudante de Graduação, bolsista de iniciação científica do Departamento de Artes e Comunicação da UFS, e-mail: v.h.jornalista@gmail.com

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor Doutor do Departamento de Artes e Comunicação da UFS, e-mail: fbarroso20@gmail.com

## O Lampião da Esquina

"Na origem de cada grande projeto alternativo [de jornal, durante o processo de abertura democrática nos anos 1970/1980, no Brasil] havia, invariavelmente, um episódio de fechamento de espaços na grande imprensa". (KUCINSKI, 1991, p.XVI)

As primeiras publicações brasileiras impressas direcionadas ao público homossexual datam da década de 50. Dentre elas podemos identificar pequenos jornais mimeografados e distribuídos de mão em mão, com periodicidade irregular, cujo conteúdo privilegiava as "fococas de turma".

Em meados da década de 70, o Brasil recebe a visita de Winston Leyland, editor do jornal norte-americano *Gay Sunshine*. A presença de Leyland foi a força inspiradora que levou à criação do Lampião da Esquina. Tratava-se de um jornal com periodicidade mensal, em formato tablóide, produzido pela Esquina Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda., do Rio de Janeiro. MacRae (1990, p. 72) afirma que Lampião começou "com uma tiragem inicial de 10 mil exemplares, logo passou para 15 mil".

O destaque do periódico se deu pela identificação de um novo modelo de jornalismo vinculado a uma proposta militante, dentro da chamada imprensa alternativa<sup>5</sup>, contrária ao discurso que prevalecia na época, e pela sua especificidade no desenvolvimento da imprensa homossexual brasileira. A homossexualidade, tema central do Lampião, é explorada a partir de um lugar diferenciado ao desejado pelos discursos dominantes, que desafia e subverte a subjetividade estereotipada da população homossexual. Isto por meio de um conselho editorial formado por artistas, escritores, acadêmicos e militantes tais como João Silvério Trevisan, Jean Claude Bernardet, Aguinaldo Silva, Darcy Penteado, Peter Fry, entre outros. Além deles, o jornal possibilitava a participação direta do público na seção "Cartas na Mesa", onde as mensagens dos leitores "se tornavam legítimos espaços de visibilidade para a comunidade" (LIMA, 2001, p.4)

Lampião se caracterizava por colocar em público toda uma visão social e humanística do espaço homossexual na sociedade. Ele discutia e destacava as propostas

---

<sup>5</sup> Modalidade de jornalismo surgida durante a ditadura militar brasileira e voltada para a discussão sobre temas e abordagens que eram censurados na grande imprensa.



do movimento homossexual que, desde os acontecimentos de Stonewall<sup>6</sup>, em junho de 1969, nos EUA, adquiria expressividade social e se internacionalizava. Fatores internos (desavenças entre conselheiros na tentativa de definir uma unicidade da linha editorial), ações judiciais movidas contra os conselheiros, pressões dos leitores para que o periódico abandonasse o estilo elitista e militante, mais a queda nas vendas, implicaram numa mudança de proposta editorial (inserção do nu masculino, reportagens sobre prostituição, etc.) e, posteriormente, no fim do *Lampião da Esquina*.

O ponto de partida deste artigo surgiu de uma pesquisa mais ampla, apoiada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) que possui como tema a mídia gay. O estudo tem como objetivo levantar e compreender o significado do debate travado nas páginas do *Lampião da Esquina* sobre a mídia, a imprensa gay nacional e internacional, imprensa alternativa e o próprio jornal. Neste artigo focaremos aquele primeiro ponto para levantar as posições defendidas por esse jornal sobre a grande imprensa.

### **Metodologia**

Nesta parte, reconhecemos a necessidade de apresentar as escolhas que fizemos em relação às fontes de consulta, às técnicas de coleta de dados, aos dados coletados e também à sua análise. Esta preocupação decorre da indicação de Gil (1995, p. 192), segundo a qual, “os dados obtidos na pesquisa social não são indiferentes à forma de obtenção”.

Nossa coleta de dados consiste numa pesquisa documental e em uma pesquisa bibliográfica. Para a primeira consideramos como fonte – diante do andamento em que se encontra o estudo mais amplo – os exemplares de número zero e trinta e sete do jornal – a primeira e a última edições, respectivamente – que são, conforme Gil (1995, p.73), os documentos de primeira mão. Precisávamos, também, saber o que já havia sido analisado sobre o *Lampião* para, seguindo o que diz Santaella (2001, p.169), “nos valer da ajuda tanto quanto possível alargada do pensamento do outro a que podemos ter acesso”. Por isso buscamos, com o propósito de fazer uma revisão bibliográfica, estudos que já haviam sido realizados acerca do periódico. Nesse sentido, foram de grande utilidade as contribuições de Simões Jr (2004, 2006, 2007) e Rodrigues (2004 e

---

<sup>6</sup> Segundo McRae (1982, p. 104), após uma batalha em torno do bar Stonewall Inn, de Nova York, em junho de 1969 – evento que marcou o início da liberação gay -, uma das primeiras iniciativas do grupo recém-fundado Gay Liberation Front foi a criação do jornal *Come Out*.



2005). Constatar que problemas do *Lampião* já foram investigados e a forma como cada estudo foi realizado, nos norteou não só para o andamento deste trabalho, como para vislumbrar o grau de originalidade da nossa pesquisa.

Além disso, foi necessário o levantamento de outras fontes bibliográficas que ampliassem as referências iniciais e auxiliassem na maior compreensão da importância do objeto de estudo e do que iríamos analisar. Encontramos em Kellner (2001, p. 25-74) a base teórica de que necessitávamos. Tal contribuição foi crucial para que, com a abordagem do autor acerca da teoria da cultura da mídia, fundamentássemos o nosso estudo e entendêssemos o que o *Lampião da Esquina* representou para a sua época, para a compreensão do seu discurso e a relação com a mídia.

De posse das edições, nossa análise do conteúdo consistiu em criar um padrão de leitura e classificação dos textos, separando-os conforme a temática abordada e incluindo o número do exemplar, página, tema, título, seção e autor. Tal medida foi eficaz na correta identificação das posições defendidas pelo jornal, principalmente para a interpretação do foco deste artigo.

### **Revisão Bibliográfica**

Santaella (2001, p.172) afirma que esta é a etapa que dá alma a qualquer estudo. A busca por outras fontes é imprescindível “[...] para que esforços não sejam duplicados, para que se possa apreender o grau de originalidade de uma pesquisa”. Nesse sentido, nossa intenção foi procurar trabalhos que já houvessem focado o *Lampião da Esquina* como objeto de estudo, cujas contribuições nos fizeram compreendê-lo.

O primeiro suporte nos é dado por Simões Jr., cujos textos nos auxiliaram para a construção desse inventário das contribuições existentes. O principal objeto de estudo são as cartas dos leitores do *Lampião*, focando em questões de memória social, identidade e representatividade homossexual. O autor mostra como o periódico foi um importante instrumento de ruptura do discurso predominante sobre a homossexualidade, reconhecendo-o enquanto representante não só desse novo discurso, mas do homossexual brasileiro que viveu no período de grande turbulência política em que circulou. Como demonstração da idéia predominante sobre o homossexual, o autor cita o historiador James Green:

“A conexão entre a prostituição, a efeminação no homem e a homossexualidade persistiu como uma forte representação do



comportamento homoerótico até a segunda metade do século XX, quando surgiram novas alternativas de identidade sexual que contestaram esse paradigma dominante”. (GREEN *apud* SIMÕES JR, 2004, p.297)

Os homossexuais encontraram no periódico um espaço para construção de uma nova memória social. Isto é percebido pela análise das cartas dos leitores, que se constituiu num importante e legítimo ambiente de manifestação, identificação, autoafirmação e liberdade de expressão. Foi lá que se instalou um importante canal de comunicação, facilitador de um diálogo direto que tornava o leitor parte integrante da luta que o *Lampião* adotou.

Ainda segundo Simões Jr.,

“O *Lampião* torna-se constitutivo de memória pois ainda é elemento reconhecido e de coesão, tanto entre a comunidade homossexual da época, como entre jornalistas. Seu texto, ao mesmo tempo que reflete todo o panorama político e social da época, reflete o início do discurso homossexual de forma mais organizada, não só ligado a dicas de moda ou comportamento, mas, acima de tudo na busca de uma identidade homossexual fora dos padrões estabelecidos até a época” (SIMÕES JR., 2004, p. 297).

Em outra contribuição, o autor expõe como o jornal quebrou o conceito de identidade essencialista<sup>7</sup>, que restringia o sujeito homossexual à condição de efeminado, arquétipo predominante no imaginário social. A expressão de novos modelos de identidade e subdivisão homossexual se fez presente justamente na seção de cartas, incluindo aí o que valorizava a masculinidade sem, com isso, deixar de lutar pelos mesmos direitos. O *Lampião* mostrou, sobretudo, que o grupo homossexual é heterogêneo.

O aporte dado por Simões Jr. nos fez entender o quanto o *Lampião da Esquina* foi importante para a consolidação do movimento homossexual brasileiro, como impulsionou o surgimento de outros veículos e organizações, e de como alterou a vida dos homossexuais brasileiros, transformando-se num significativo objeto de luta contra a opressão. Isso porque causou grandes rupturas em paradigmas predominantes na sociedade acerca da homossexualidade. A subversão que lhe foi característica já

---

<sup>7</sup> SIMÕES JR. explica identidade essencialista citando Moita Lopes (2002, p.99): “Visões essencialistas de identidades sociais partem do princípio de que todos os membros de uma categoria comum partilham exatamente as mesmas características e experiências”.



começava pelo nome e se estendeu quebrando o conceito geral que se tinha do homem homossexual: anormal, promíscuo, pervertido, efeminado, fútil, frágil, etc.

A seção de cartas constitui um exemplo singular de como os homossexuais enxergaram – e foram avistados – no periódico. Um verdadeiro plenário onde eles poderiam se expressar e estabelecer uma relação direta de diálogo com quem fazia o jornal. Pode-se afirmar que aquele espaço de grandes debates foi o maior responsável pela identificação dos leitores com o periódico, pois ali era possível tomar parte numa luta maior – a política – sem relegar a que era considerada, por movimentos de esquerda, como a menor – a dos homossexuais.

Outras contribuições tratam do *Lampião* a partir de uma perspectiva visual, submetendo às suas análises o design gráfico da publicação. São os estudos realizados por Rodrigues (2004 e 2005). Nos trabalhos analisados, percebemos que, no primeiro, o autor analisa os aspectos visuais em relação à construção do discurso; no segundo, faz uma comparação daquele periódico com outros veículos, tentando compreender como se deu a construção da identidade gay nacional.

Rodrigues (2004, p. 286, 287) percebe que a maior preocupação do jornal era com o discurso verbal, pois enquanto neste aspecto ele traçou “uma nova era para uma minoria social”, por outro lado continuava seguindo padrões visuais dos jornais alternativos de política, onde “a diagramação era pesada, com textos longos e tijolados [...]”; a preocupação era mais com o conteúdo do que com a estética”. Ele ainda afirma que a “relação entre forma e conteúdo vai mudar ao longo da história dos periódicos da imprensa gay, mas durante a existência do *Lampião* mudou pouca coisa em termos gráficos”. Assim, durante sua circulação, mesmo tendo preocupações estéticas pequenas, como a idéia de inserir ilustrações, selos e rubricas para seções e reportagens, a explicação mais clara para a resistência do jornal era a de que ele não poderia ser caracterizado por uma “imagem frágil”. “O projeto gráfico do jornal *Lampião* da *Esquina* tem a função de corroborar a intenção de afirmação de uma postura digna e séria perante a sociedade”.

Em outra contribuição (2005, p.77), o autor diz que “com seus textos longos e pesados, o *Lampião* da *Esquina* iniciava um novo capítulo para a história da construção e da afirmação de uma identidade”, lembrando que o jornal não buscava a ruptura de paradigmas da homossexualidade em elementos visuais, como fizeram os demais jornais alternativos da época, seguindo o “discurso da contracultura”. Por isso, “a idéia de que todos os homossexuais sempre produzem criações de bom gosto e estilo” não se



confirmou, já que a aparência severa do jornal confirmava “a seriedade do conteúdo” (2005, p.80).

Rodrigues ressalta, ainda, a necessidade de equilíbrio entre imagem e texto como forma de atração dos leitores. Entretanto, ele também compreende que não era exatamente o desígnio do Lâmpião, pois sua proposta era diferente das publicações que surgiram posteriormente e enfatizaram aspectos gráficos. As questões políticas eram muito mais urgentes e necessárias ao debate. Por isso o visual era uma questão menos trabalhada.

Partindo do pressuposto de que existe uma escassez de produções mais específicas que levem em consideração o objetivo a que se propõe este artigo, fica clara a necessidade de desenvolver um estudo que faça referência a um dos jornais que marcou significativamente o progresso não só da imprensa homossexual, como da imprensa brasileira. Isso demonstra o caráter inédito dessa pesquisa, no que diz respeito a um estudo cultural partindo de um novo viés, dentro da análise do discurso e da cultura da mídia, para avaliar o debate sobre a imprensa presente nas páginas daquele periódico. Além disso, o artigo pode contribuir para uma ampliação dos estudos relacionados à imprensa homossexual e o seu impacto na atual estrutura da imprensa brasileira<sup>8</sup>.

### **Marco Teórico de Referência**

Após uma busca bibliográfica de estudos que tenham como referência o nosso objeto de pesquisa, é imprescindível que se eleja determinada(s) teoria(s) que direcione(m) a investigação e a interpretação das hipóteses surgidas na identificação do problema. Nesse contexto, Santaella (2001, p.184) afirma que "o quadro de referência teórico consiste no corpo teórico no qual a pesquisa encontrará seus fundamentos". Entretanto, Kellner (2001, p. 39) esclarece que "a utilidade ou não de determinadas teorias depende da tarefa em pauta e do fato de a teoria em questão ser apropriada a essa tarefa".

---

<sup>8</sup> Faz-se necessário lembrar que para este artigo não consideramos outros estudos importantes sobre o Lâmpião, como as contribuições de SILVA, Cláudio Roberto da. *Reinventando o sonho – história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 199 e RODRIGUES, Jorge Luis Pinto. *Impressões de identidade - histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil*. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Centro de Estudos Gerais, - Universidade Federal Fluminense, Niterói - RJ, 2007. (Cap. II - O primeiro Lâmpião é aceso, pp. 63-121). A continuidade dos estudos do Lâmpião terá na leitura desses textos um novo suporte.



Como o objetivo central desse artigo é identificar o significado do debate que existe nas páginas do *Lampião* a respeito da grande imprensa, percebemos que a teoria da cultura da mídia é a mais adequada para basear esse estudo. Considerado um dos mais importantes críticos nos estudos culturais da atualidade, o norte-americano Douglas Kellner é o principal articulador do conceito de cultura da mídia e dos procedimentos metodológicos para sua abordagem.

Para Kellner (2001, p. 09), "há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade". Dessa maneira, a cultura da mídia é classificada como uma força cultural dominante dentro da era moderna.

Kellner (2001, p. 52) esclarece também que "a expressão 'cultura da mídia' tem a vantagem de designar tanto a natureza quanto a forma das produções da indústria cultural (ou seja, a cultura) e seu modo de produção e distribuição (ou seja, tecnologias e indústrias da mídia)". A tradição dos estudos culturais permitiu que houvesse o surgimento do conceito de cultura da mídia. Sobre isso, é necessário enfatizar que:

"Os estudos culturais interdisciplinares, pois, recorrem a uma gama dispar de campos a fim de teorizar a complexidade e as contradições dos múltiplos efeitos de uma ampla variedade de formas de mídia/cultura/comunicações em nossa vida e demonstram como essas produções servem de instrumento de dominação, mas também oferecem recursos para a resistência e a mudança". (KELLNER 2001, p. 43)

A contribuição da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, que referencia à questão da padronização e massificação dos produtos da indústria cultural, transformando cultura em mercadoria, e o reforço dos estudos culturais britânicos (que identificam algumas falhas na teoria frankfurtiana), foram de suma importância para a definição e caracterização do conceito de cultura da mídia.

A teoria da cultura da mídia mostra que:

"A produção da mídia está, portanto, intimamente imbricada em relações de poder e serve para reproduzir os interesses das forças sociais poderosas, promovendo a dominação ou dando aos indivíduos força para a resistência e luta. Mas o materialismo cultural também focaliza os efeitos materiais da cultura da mídia, insistindo em que suas imagens, espetáculos, discursos e signos exercem efeitos materiais sobre o público. Para o materialismo cultural, os textos da mídia seduzem, fascinam, comovem, posicionam e influenciam seu público. A cultura da mídia tem efeitos materiais e eficácia, e um dos objetivos dos estudos culturais é





analisar de que modo determinados textos e tipos de cultura afetam o público, que espécie de efeito real os produtos da cultura da mídia exercem, e que espécie de potenciais efeitos contra-hegemônicos e que possibilidades de resistência e luta também se encontram nas obras da cultura da mídia". (KELLNER, 2001, p. 64).

Sendo assim, Kellner caracteriza a mídia como um campo de forças onde os discursos veiculados nela representam interesses sociais e contribuem para construir imagens, representações dos diferentes grupos sociais (inclusive, a de homossexuais) e identidades culturais para esses grupos. Isso é relevante, pois mostra que, paralelamente ao discurso conservador presente na mídia, é possível identificar os discursos progressistas que valorizam e fortalecem os grupos sociais culturalmente dominados.

Portanto, a mídia é um local de batalha, onde o controle da sociedade é o objetivo central. Daí a presença de discursos marcados pela ambigüidade e pela contradição são característicos dessa mídia. A partir disso, o autor coloca que:

"Aprendendo como ler e criticar a mídia, resistindo à sua manipulação, os indivíduos poderão fortalecer-se em relação à mídia e à cultura dominantes. Poderão aumentar sua autonomia diante da cultura da mídia e adquirir mais poder sobre o meio cultural, bem como os necessários conhecimentos para produzir novas formas de cultura" (KELLNER 2001, p. 10).

Em suma, é necessário criar meios e práticas para a análise e investigação das produções da mídia e seus discursos. Portanto, para Kellner (2001, p. 74), é a partir da cultura da mídia que se pode "situar as produções culturais em contextos econômicos, sociais e políticos mais amplos dos quais elas emergem e nos quais exercem seus efeitos".

A partir disso, acreditamos que essa teoria pode nos dispor do conhecimento necessário para a compreensão do debate travado nas páginas do jornal *Lampião da Esquina* sobre a grande imprensa e seu significado na construção de identidades homossexuais da sociedade brasileira.

### **A Grande Imprensa e o Lampião**

Nesta parte apresentaremos os dados coletados nas edições de número zero e trinta e sete do *Lampião*. O interesse por elas é justificado pelo fato de serem, respectivamente, a primeira e última edições produzidas. Sua investigação nos ajuda a



perceber se houve alterações significativas na visão do jornal a respeito do tema de interesse, isto é a grande imprensa, e caso elas existam, em que sentido acontecem.

Além de expor aqui o que foi coletado, iremos também fazer a interpretação a respeito do que o *Lampião* diz, baseando-nos na teoria apresentada acima e chamando à atenção para o aspecto “Eles e Nós” referido no título deste artigo.

A citação abaixo já apresenta um aspecto significativo do modo como o *Lampião* representa a grande imprensa. Na página 05, da edição número zero, há um artigo intitulado “Lembrando o triângulo rosa”. O texto é sobre as denúncias de assassinato, pelo nazi-fascismo, de cerca de 125 mil homossexuais e afirma que “aos poucos, começa a vir à tona a verdade sobre o sofrimento dos homossexuais na Alemanha nazista e sob o fascismo em geral”. O autor acrescenta que

“quando Ira Glasser publicou em 10 de setembro de 1975 um artigo na op-ed (página editorial) do *New York Times*, informando sobre o assassinato de aproximadamente 125 mil homossexuais nos campos de holocausto nazistas, ao mesmo tempo que pedia uma legislação específica sobre os direitos dos gays na cidade de Nova York, o crime saiu dos arcanos da História e começou a ser discutido nos círculos liberais norte-americanos e da Europa. [...] Em toda parte houve reação, o que prova que o mundo não mudou muito desde os idos do nazismo”.

Neste trecho, percebe-se que a contribuição vem de um periódico internacional, no caso o *New York Times*. O *Lampião*, quando chama a atenção para esse texto, mostra uma mudança de comportamento daquele jornal quando a articulista atenta para o holocausto de judeus, trazendo à tona o massacre também de homossexuais e a forma como isso repercutiu de forma negativa, já que mexeu diretamente com o imaginário dominante acerca desse público. É possível identificar também que, apesar de manter esse discurso conservador, a grande imprensa também dá espaço para que haja uma discussão acerca da situação do homossexual naquela conjuntura.

Na página 06 da mesma edição há uma reportagem, redigida por João Silvério Trevisan, e intitulada “Demissão, processo e perseguições. Mas qual é o crime de Celso Curi?” Neste texto de abertura o autor afirma que

“o colunista mais lido da Última Hora de São Paulo, responsável direto pelo aumento de vendagem do jornal, Celso Curi, o rapaz da ‘Coluna do Meio’, foi demitido em novembro de 1977 sob o pretexto de ‘contenção de despesas’. A demissão, na verdade, era apenas mais uma etapa da campanha contra o jornalista que ousou transformar em assunto diário do jornal um tema até então considerado tabu: o homossexualismo. Por causa disso, ele também foi incurso no Art. 17 da Lei de Imprensa – ‘ofender a moral e os bons costumes’ – e, processado, poderá ser

condenado a um ano de prisão. [...] Uma particularidade, entretanto, tornava a Coluna um fato inusitado na história da imprensa brasileira: era dirigida aos homossexuais”.

Já aqui, apresenta-se uma abordagem sobre o periódico brasileiro Última Hora. Ao noticiar a demissão de Celso Curi, o Lampião lança uma crítica severa àquele jornal, expondo que ele se utiliza de um subterfúgio para justificar uma atitude discriminatória. Por existir um discurso dominante no Última Hora, o fato de uma coluna direcionada aos homossexuais ter feito sucesso e aumentado o faturamento do veículo não foi suficiente para que se levasse em conta a importância da contribuição daquele jornalista para a sociedade.

Portanto, ao demitir Celso Curi, o jornal exterioriza uma característica da sociedade àquela época, que insiste em negar a inserção do homossexual no meio social. E aí, ao comprar essa briga, o Lampião mostra a que veio já na sua primeira edição e que vigiará a conduta da grande imprensa para com o tratamento dado ao tema homossexualidade.

Na página 12 da mesma edição, há um texto assinado por Adão Acosta. O título é “Ritual da amizade na TV”. O autor afirma que “abordar o tema do homossexualismo em nossa televisão não é fácil, principalmente quando se tenta fazê-lo com seriedade. Por enquanto, ele está restrito aos filmes”. Aí vemos novamente o desafio adotado pelo Lampião, no tocante a sua função para com o público homossexual, mostrando o quanto essa figura não era retratada com respeito. Ainda na mesma página 12 há também um texto assinado por Alceste Pinheiro. O título é “Aconteceu nos EUA”, e o autor diz que

“de repente, o homossexualismo virou assunto. Deixou os cubículos, os becos, os bares e as hospedarias e chegou às ruas. Dezenas de reportagens, ‘análises científicas’, filmes e obras literárias ganharam lugar de destaque nas prateleiras. Hoje quem quer fazer sucesso precisa de um pouco de frescura, e é preciso ter entre os amigos uma bicha qualquer, para provar a abertura. Assim, nos meios de comunicação, da grande à pequena imprensa, das maiores às menores editoras, todos passaram a investir no assunto”.

Assim, o jornal quer mostrar que no exterior – em especial nos EUA - a homossexualidade já tinha adotado outra perspectiva e virava assunto recorrente em algumas esferas, ganhando, podemos supor, um espaço maior do que no Brasil.

Ao analisar a edição 37, percebemos que o combate à imprensa em geral ainda continua, mas com maior expressividade. Na página 5 há uma referência ao jornal



Notícias Populares, assinada por Ferkushima, intitulada “Homossexual se afoga após fotografar garoto nu”. No trecho se lê:

“Homossexual morre afogado após fotografar garoto nu’. A manchete posso imaginá-la estampada com tinta cor de sangue, no jornal Notícias Populares. O fato seria real se não fosse o garoto da foto, o Edson, que veio buscar-me na profundidade enorme do lago existente em Nazaré Paulista[...]

Esta notícia falsa traduz a imagem que, ao longo dos três anos de existência, o *Lampião* formou sobre a grande imprensa. Podemos perceber aí que, como alertaram desde o início, o tema homossexualidade, quando pautado pela grande imprensa, esteve ligado à manchetes sensacionalistas e discriminatórias e que esta situação não deve ter mudado.

Na página 9, em uma entrevista realizada por vários componentes do corpo editorial do *Lampião* com os artistas Rolando e Luís Antônio, há uma referência à imprensa na seguinte pergunta:

“ Zé Fernando - O jornal Última Hora publicou uma matéria sobre vocês e disse: ‘o travesti Luís Antônio’. Eu percebi que o Luís Antônio ficou irritado. Por quê?

Luis Antonio - Ora, o palhaço anda maquilado e ninguém diz que palhaço é travesti. O fato de se maquilar não significa que você seja um travesti. Qualquer pessoa tem o direito de colocar em cima o que quer. Não somos travestis: somos duas pessoas que nos maquilamos como queremos. É uma opção”.

Nessa declaração do artista, vemos que a grande imprensa continua a generalizar conceitos quando noticia assuntos da comunidade homossexual. O entrevistado expressa a sua irritação com o Última Hora por que este toma para si – e propaga – a idéia de que todo homossexual que se maquia é travesti, contribuindo, assim, para um reforço do estereótipo vigente. É possível reconhecer que já na pergunta, o jornal está fazendo um julgamento da imprensa para, em seguida, fazer com que o entrevistado endosse e reforce esse mesmo julgamento.

Aproveitamos a mesma explicação para a crítica percebida na página 15, em uma resenha sobre o espetáculo “As Tias”, assinada por José Fernando Bastos, que faz a seguinte declaração:



“Tenho a impressão que os críticos da chamada grande imprensa não se conformam em assistir a uma peça de teatro em que a temática homossexual seja tratada de modo mais sério que o costumeiro. Parece que eles preferem ver o guei ridicularizado, ou mesmo como travesti”.

Este incômodo a que o articulista se refere pode dizer respeito à grande tradição presente na imprensa brasileira de dar destaque, no noticiário sobre homossexuais, a notícias que tratam do carnaval (à festa e às fantasias) ou de criminalidade.

Com relação ao sensacionalismo que os jornais fazem em cima dos casos de polícia que envolvem homossexuais, uma contribuição da crítica feita pelo *Lampião* pôde ser percebida na página 19 da mesma edição, em um texto assinado por Adão Costa, em que ele relata uma experiência ocorrida na festa de aniversário do *Lampião*:

“[...] No outro dia, abro os jornais da grande imprensa para ver se foi encontrado no Schmitt algum assaltante de banco, criminoso de alta periculosidade, membro da Falange Vermelha, ou fugitivo da Ilha Grande. Qual não foi minha surpresa: estavam todos fora da festa do *Lampião*, e pelo visto devem ter dado graças a Deus pelo período em que a polícia esteve no Schmitt. Desta forma a área de ação ficou livre para que eles pudessem praticar seus ‘esportes’ ou dar um passeio pela praia de Botafogo à procura de seu ‘ganha pão’”.

Assim, Costa mostra o quanto a cobertura da imprensa privilegiava retratar o homossexual ligado a casos policiais e que isso era um reflexo também da atitude das autoridades, já que estas preferiram – no caso relatado – investigar os homossexuais a combater os criminosos de verdade, denotando a imagem negativa que a população gay possuía, de potenciais criminosos.

### **Considerações Finais**

Neste momento, apresentaremos a conclusão do problema que nos propusemos a analisar. Gil (1995, p.194) esclarece que "as conclusões constituem o ponto terminal da pesquisa, para o qual convergem todos os passos desenvolvidos ao longo de seu processo".

A partir de observações preliminares pudemos constatar que realmente existe um debate nas páginas do *Lampião da Esquina* sobre a grande imprensa. Após analisarmos os dados coletados e organizados, identificamos que esse debate traz consigo um grau de importância significativa tanto para o processo da construção de identidades homossexuais, como para a própria estruturação da imprensa brasileira.

Durante a investigação ficou claro que o debate existente sobre a grande imprensa no jornal constitui uma espécie de dado documental sobre o paradigma que a grande imprensa da época tinha a respeito da homossexualidade. Sendo assim, também pudemos perceber como o imaginário social da época identificava o papel do homossexual na sociedade. Constatamos a caracterização de uma grande imprensa que ainda possuía um discurso dominante, onde o preconceito contra o homossexual ainda era considerado uma situação normal, dentro dos padrões pré-estabelecidos do contexto social.

Lampião surgiu como um contraponto desse discurso dominante, trazendo em suas páginas um intenso debate sobre as ações da grande imprensa a respeito de como ela representava o homossexual em seus textos. É certo que entre a primeira edição (nº zero) e a última (nº 37) do jornal, houve algumas mudanças editoriais e no enfoque da maneira de transmitir o ideal que o periódico possuía. Entretanto, pudemos perceber que ambas seguiram a linha de ver e analisar o tratamento concedido pela grande imprensa aos gays, quando achassem necessário. Entre essas, perceber as diferenças editoriais/políticas/culturais entre a grande imprensa e a imprensa alternativa foi uma ação constante.

Daí constatamos que o debate percebido no Lampião comprova a teoria da Cultura da Mídia, na qual se percebe a presença de discursos ambíguos e contraditórios na mídia. O fato de percebermos a existência de uma batalha ideológica e discursiva dentro do espaço da mídia coloca esta como um campo de forças na estruturação do imaginário social e na construção de identidades de grupos sociais (do homossexual, no caso do Lampião).

O Lampião (Nós) entra nesse campo de batalha, definido por Douglas Kellner pelos conceitos da cultura da mídia, para fazer um combate cultural contra os ideais de uma grande imprensa (Eles), carregada de preconceitos e sustentada pelo império do senso comum. Dentro dessa linha de pesquisa podemos nos perguntar: e o significado do debate existente no Lampião a respeito da imprensa homossexual brasileira e estrangeira? O que implicou a auto-análise feita pelo jornal para estruturação da identidade homossexual brasileira? Perguntas lógicas e pertinentes, mas que já entram nas possibilidades para futuros trabalhos.

Podemos considerar que a partir das constatações feitas, esse artigo possa se constituir como uma nova fonte de conhecimento, no que diz respeito aos processos de transformação da imprensa brasileira. Além disso, como um meio de constatação da



formação de identidades culturais homossexuais brasileiras, dentro do ideal da cultura da mídia.

### Referências Bibliográficas

- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**, 4ª. ed., São Paulo, Atlas, 1995 .
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru (SP), EDUSC, 2001.
- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários – nos tempos da imprensa alternativa**, São Paulo, Scritta, 1995.
- LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, Esquina Editora, n. 0 e 37. Mensal. 1978 – 1981.
- LIMA, M. A. A. . **Breve Histórico da Imprensa Homossexual no Brasil**. Cronos (Pedro Leopoldo), Pedro Leopoldo/MG, v. II, n. 3, p. 21-30, 2001.
- MACRAE, Edward. O jornal “Lampião da Esquina”. In: **A construção da igualdade – identidade sexual e política no Brasil da “abertura”**, Campinas, UNICAMP, 1990, pp. 65-93.
- \_\_\_\_\_. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. In: EUALIO, Alexandre. **Caminhos cruzados: linguagem, antropologia e ciências naturais**, São Paulo, Brasiliense, 1982, p. 99-111.
- RODRIGUES, Jorge Luis Caê. **Somewhere over the rainbow – o primeiro Lampião é aceso**. In: LOPES, Denílson et. al. (orgs.) **Imagem & diversidade sexual – estudos da homocultura**, São Paulo, Nojosa, 2004, pp. 281-287.
- \_\_\_\_\_. **A imprensa gay do Rio de Janeiro: Linguagem Verbal e Linguagem Visual**. In: GROSSI, Miriam Pillar et. al. (orgs.) **Movimentos Sociais, educação e sexualidades**, Rio de Janeiro, Garamond, 2005, p.69 – 89.
- SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa – projetos para mestrado e doutorado**, São Paulo, Hacker, 2001, pp. 167-172 e 182-185.
- SIMÕES JR, Almerindo Cardoso. **Representatividade homossexual em tempos de ditadura: algumas reflexões sobre o jornal Lampião da Esquina**. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves. (Org.). **Mídia e Memória - A produção de sentidos nos meios de comunicação**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007, v. 01, p. 279-296.
- \_\_\_\_\_. **Vozes da bichórdia Construções de memórias através do discurso dos leitores do jornal Lampião da esquina**. In: IV Encontro Nacional de História da Mídia, 2006, São Luis - MA.
- \_\_\_\_\_. **Memória, mídia e discurso – a homossexualidade masculina em questão**. In: LOPES, Denílson et.al. (orgs.) **Imagem & diversidade sexual – estudos da homocultura**, São Paulo, Nojosa, 2004, p. 293-298.
- \_\_\_\_\_. **Um gay power à brasileira – construção de identidades homossexuais no jornal Lampião da Esquina**. In: VII Seminário Internacional Fazendo Gênero, 2006, Florianópolis SC.